

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MATERNIDADES PÚBLICAS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Barbara Magna Mendes Dias¹, Laura da Silva Almeida², Pedro Jorge Alves Bernardino³, Thaís Fontenelle Bezerra⁴ Orlando Júnior Viana Macêdo⁵

Resumo: O presente estudo aborda a temática violência obstétrica, trazendo como questão norteadora: Qual a concepção dos profissionais de medicina acerca da violência obstétrica? Objetivou-se analisar as condições de parto em maternidades públicas, a partir dos relatos de acadêmicas do curso de medicina em período de internato, que atuaram na área, e identificar possibilidades de atuação dos profissionais da Psicologia. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado por meio de entrevista semiestruturada com duas discentes do curso de medicina. Os dados empíricos revelaram: cultura cesarista, a qual o profissional de medicina é o protagonista; condutas sem consentimento da mulher; dificuldade das mulheres em identificar o que é violência; aumento dos riscos de mortalidade materna e/ou da criança; e a importância da Psicologia atuar junto com outros profissionais para um melhor apoio na hora do parto, compondo a equipe. Conclui-se chamando atenção para as necessárias mudanças nas maternidades públicas, para que possa abranger as demandas voltadas às parturientes e dos profissionais de saúde inseridos nesse âmbito.

Palavras-chave: violência obstétrica; violência psicológica; Psicologia; parto.

1. Introdução

O presente trabalho está voltado para a temática de violência obstétrica, que é muito frequente e pouco comentada, por ainda ser considerada um tabu na atualidade. Os relatos de mulheres que foram vítimas dessa violência são maiores nas maternidades públicas, e em decorrência disso, faz-se necessária uma análise do quadro, levando em consideração os dados disponíveis de diversos levantamentos a respeito do tema.

Após o início do progresso da medicina especializada na área da obstetrícia, o ato de parir deixou de ser algo fisiológico da esfera feminina, passando a ser apreendido como prática médica (SANFELICE *et al.* apud ZANARDO *et al.*, 2015). As mulheres, que antes contavam com o amparo e acolhimento de parteiras, buscavam ajuda médica, muitas vezes sendo

¹ Centro Universitário Paraíso do Ceará - UniFAP, barbaramagna@aluno.fapce.edu.br

² Centro Universitário Paraíso do Ceará - UniFAP, lauraalmeida@aluno.unifapce.edu.br

³ Centro Universitário Paraíso do Ceará - UniFAP, pedrojorgealvesbernardino@aluno.fapce.edu.br

⁴ Centro Universitário Paraíso do Ceará - UniFAP, thaisfontenelle@aluno.fapce.edu.br

⁵ Centro Universitário Paraíso do Ceará - UniFAP, orlando.macedo@fapce.edu.br

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



submetidas a processos cirúrgicos desnecessários, e até mesmo violações durante o processo. Por muitos anos, diversas práticas violentas eram aceitas como práticas médicas, e hoje, elas se configuram como violência obstétrica, portanto, não mais aceita. Uma delas é a “Manobra de Kristeller”, que consiste em empurrar a barriga da gestante para acelerar o nascimento da criança.

De acordo com o Dossiê da Violência Obstétrica (CIELLO *et al.*, 2012) as consequências dessa técnica são graves, dentre elas destaca-se não apenas os danos físicos causados na mulher, como também nas crianças. Em determinados casos, os bebês podem chegar a óbito em decorrência do manejo incorreto de um procedimento natural que, salvo exceções, não necessita de intervenção cirúrgica. Diante do exposto foi elaborada a seguinte questão: Qual a concepção dos profissionais de medicina acerca da violência obstétrica?

2. Objetivo

Foi eleito como objetivo geral do presente estudo identificar possibilidades de contribuição do saber psicológico para os profissionais de medicina que trabalham em maternidades públicas, mediante a demanda encontrada com as parturientes, além dos familiares e de toda a equipe médica.

3. Metodologia

Trata-se de estudo qualitativo e descritiva, realizado por meio da técnica de entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada com duas discentes em período de internato do curso de medicina de uma Instituição Superior de Ensino – IES do interior do Ceará, as quais identificamos aqui com nomes fictícios para garantir o anonimato das entrevistadas.

A entrevista foi realizada virtualmente, por meio da plataforma Zoom e teve questões norteadoras que contemplaram as temáticas: violência obstétrica no Cariri, e como a Psicologia pode intervir desde o pré-natal ao pós-parto.

As entrevistas foram gravadas e analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Todo o processo de condução da pesquisa seguiu as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

4. Resultados

Baseado na análise de dados realizada serão apresentadas as principais categorias que emergiram na análise das entrevistas realizadas com Maria e Mirela. Estes são nomes fictícios indicados pelas autoras do presente estudo. A primeira entrevistada, Maria, relatou que seu interesse na área veio juntamente com a vontade de estudar medicina, porque ouvia muito das mulheres de sua família relatarem sofrimento durante o parto.

As entrevistadas comentaram a respeito de vivermos em uma cultura cesarista, ou seja, que exalta a cesárea, mesmo sem indicação ou levar em conta a saúde da mulher e do bebê. Na região do Cariri, a maioria das mulheres

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



grávidas são indicadas para a cesárea, seja de convênio, particular ou público, sendo que, de acordo com as entrevistadas, quando não é indicada, essa supervalorização da cesárea não leva em conta a saúde da mulher.

As entrevistadas também falaram que as parturientes se queixam mais das sequelas físicas do que as emocionais, que é mais perceptível e que elas julgam ser menos frequentes do que as psicológicas. Elas salientam a dificuldade das mulheres em identificar o que é violência, mesmo por falta de informação e devido a uma cultura que traz o ato de parir como um momento doloroso.

Quando questionadas se já presenciaram algum caso de violência obstétrica, uma delas ressaltou que em 2019, no seu estágio, presenciou um caso que lhe foi muito impactante. Se tratava de uma mulher que acabara de ter seu filho de forma cesária que chegou queixando-se de gases, porém desabafou na emergência que seu emocional se encontrava muito abalado, fruto da violência psicológica que sofreu durante o parto. A entrevistada salientou que a violência obstétrica é evidente na região do Cariri e que são feitos muitos procedimentos ultrapassados que geram sofrimento físico e emocional, como por exemplo a episiotomia.

Para que se possa entender os desdobramentos ainda atuais da violência obstétrica, se faz necessário compreender o contexto histórico referente aos tratamentos atribuídos ao parto e relacionados. No surgimento da Obstetrícia Médica, no início do século XX, o uso de fórceps e narcóticos eram considerados métodos humanizados, mesmo que no processo do parto, o corpo feminino ficasse inconsciente. É válido ressaltar que, principalmente nesse período, as intervenções médicas eram majoritariamente masculinas e o ofício de parir excluía a participação da mulher no processo. (DINIZ, 2005).

Paralelamente a isso, nesse mesmo período, ainda havia uma forte influência da Igreja Católica, que via o sofrimento do parto como uma pré-disposição divina, como uma forma da mulher sanar o pecado original (DINIZ, 2005). Consequentemente, qualquer intervenção que visasse a diminuição de riscos e sofrimento era encarada como ilegal. Perspectivas históricas como essas, contribuem para o entendimento de que, se hoje, esse suporte no momento do parto, ainda que mascarado, é tido como um ato crucial e humano, antes tinha um caráter submerso a perspectivas negligentes. Essas perspectivas estiveram cooperando com o senso comum de que o parto deve ser doloroso e sofrido, banalizando assim o sofrimento.

Um dos questionamentos levantados durante a entrevista foi a respeito do preparo das maternidades públicas para com as mulheres gestantes, em resposta, dita por Maria, é que as maternidades públicas de nossa região são grandes responsáveis por encaminhamentos a cirurgias cesárias sem a devida indicação. A visão que temos sobre o sofrimento durante o parto normal vem do pensamento reafirmado por Diniz (2005), que, com a evolução da medicina, o ato de parir como algo que não pertence apenas à mulher, trazendo um

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



protagonismo da medicina, quando oferecem a opção de um parto doloroso ou com as devidas anestésias.

Outro dado importante obtido de acordo com a entrevista foi relacionado às maiores chances de mortalidade materna ou da criança durante o parto, serem cesáreas, e a obstetrícia atual acaba contribuindo com as indicações em prol de um parto mais rápido, porém com mais riscos. Uma das entrevistadas relaciona tais encaminhamentos como uma violência obstétrica proveniente dos próprios obstetras e bastante comum na região do Cariri. Outra informação importante diz respeito à formação dos profissionais de medicina, e dos próprios professores, que ensinam técnicas ultrapassadas que hoje se configuram também como violência, como a questão da episiotomia, por exemplo.

Parafraseando Kitzinger (1987), o parto é uma experiência de extrema importância na vida, no que tange às esferas de subjetividade e singularidade da figura feminina, e por esse motivo, serão revividas todas as emoções e sensações envolvidas desse processo de parto e gestação ao longo da vida. Dessa forma, as consequências da assistência não qualificada podem provocar sequelas que acompanharão a mulher, e algumas vezes, até mesmo outros membros da família, criando espaços para o surgimento de quadros de angústia ou de tristeza, entre outras adversidades.

Quando questionamos se como as entrevistadas percebiam possibilidades de contribuição de profissionais da Psicologia em casos de violência obstétrica, consideraram que com a Psicologia presente, talvez isso pudesse ser evitado, porque as questões seriam lidadas de forma melhor. Após salientar a importância dos profissionais da Psicologia, as participantes aconselharam aos futuros psicólogos que desejam atuar nessa área a não terem em ser diferente, em mostrar o erro, porque é uma área de muita dificuldade, mas que se tiverem sede de mudança podem fazer acontecer, e conseguir que as mulheres tenham um acompanhamento psicológico é um passo essencial para a luta contra a violência obstétrica.

5. Conclusão

Diante dos dados acessados é nítida a urgência de mudanças na esfera hospitalar, para que possa abranger as demandas relacionadas às mulheres parturientes e os profissionais de saúde inseridos nesse âmbito. Muito embora exista uma grande influência do contexto por trás do ato do parto e suas perspectivas por parte dos profissionais no decorrer do tempo, é crucial que haja uma reparação que saiba promover o cuidado e zelo para com as gestantes e seus familiares, combatendo a temática do desrespeito e violência perpetrados pelos profissionais da saúde.

Percebe-se que alguns profissionais como enfermeiros, tentam prestar apoio emocional e afetivo, muito embora para situações como essa, seria de fundamental importância a execução por parte de um profissional psicólogo (a), que teria uma noção e um manejo mais apurados, considerando atender todas

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



as questões psicológicas desses processos. Nesse viés, muito se tem a fomentar que o processo de parto vai além do natural e biológico, abrangendo também e principalmente, a parte subjetiva dos envolvidos, necessitando de um manejo mais humanizado, com escuta qualificada e um bom preparo dos profissionais, para que possa garantir uma experiência única e saudável, sem sequelas físicas ou psicológicas.

6. Referências

CIELLO, Cariny et al. **Dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio para a CPMI da Violência Contra as Mulheres**. 2012. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/sscepi/doc%20vcm%20367.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2022.

DINIZ, Carmen Simone G. Humanização da assistência ao parto no Brasil: Os muitos sentidos de um movimento. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.3, pp. 627-637, set., 2005.

DONELI, Tagma Marina Schneider; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Descortinando a vivência emocional do parto através do Método Bick. **Psico – USP**. n.18, v. 2, ago, 2013.

KITZINGER, Sheila. **A experiência de dar à luz**. Martins Fontes, São Paulo, 1987

MARINHO, Kamila. **Você sabe o que é violência obstétrica?** Câmara Municipal de São Paulo. 2020.

RIBEIRO, Amarolina. **"Mulher moderna"**: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/mulher-moderna.htm>. Acesso em 30 de março de 2022.

Rede Parto do Princípio. (2012). **Violência Obstétrica**: “Parirás com dor”, 2012.

ZANARDO, Gabriela Lemos de Pinho et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia & Sociedade** [online]., v. 29, e155043, 2017.